



Análise crítico-conceitual de mística comparada: João da Cruz e o “Diário Místico” de uma religiosa brasileira do séc. XVIII

*Critical-conceptual analysis of mystical compared: John of the Cross
and the “Mystic Diary” of a Brazilian religious of the XVIII century*

Marcelo Martins Barreira*

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil

Resumo

O artigo propõe uma mística comparativa por uma análise crítico-conceitual da perspectiva mística de Jacinta de S. José e João da Cruz. Há uma similitude temática entre esses dois autores. Numa primeira seção, a partir do ponto de vista de João da Cruz, o texto visa apontar o caráter obediencial do viés biográfico de Jacinta, ainda que haja um tom hagiográfico. A segunda seção, a mais importante, reflete sobre a

* MMB: Doutor em Filosofia, e-mail: marcelobarreira@gmail.com

ação contemplativa nas potências da alma e, por fim, uma análise do “Diário Místico”, caracterizado pelo aspecto afetivo da intimidade divina.

Palavras-chave: Jacinta de S. José. João da Cruz. Mistagogia. Amor. Potências.

Abstract

The article proposes a mystical comparison by a critical-conceptual analysis of Jacinta of St. Joseph and John of the Cross' mystical perspectives. There is a thematic similarity between those authors. In a first section, from the John of the Cross' point of view, the article points out the obediential character of Jacinta's biographical bias, although there is a hagiographic tone. The second section, the most important, reflects on the contemplative action on the powers of the soul, and finally, an analysis of the “Mystic Diary”, characterized by the affective aspect of divine intimacy.

Keywords: Jacinta of St. Joseph. John of the Cross. Mystagogy. Love. Powers.

Introdução

2015 é um ano especial. Nele se celebra os nascimentos de duas grandes carmelitas-fundadoras: os 500 anos de nascimento da fundadora da Ordem Carmelita Descalça e Doutora da Igreja, Santa Teresa de Jesus e, como filha fiel e criativa desta, os 300 anos do nascimento da fundadora do primeiro Carmelo em nossa terra: Madre Jacinta de São José. Coincidentemente, o nascimento de Madre Jacinta foi num dia 15 de outubro, data em que se festeja a grande Santa Teresa de Jesus. Diante desse duplo festejo, nada melhor do que mostrar a sintonia entre a espiritualidade de Madre Jacinta com as grandes linhas da tradição carmelitana. Para tanto, utilizaremos o manuscrito intitulado “Vida e virtudes de Madre Jacinta de S. José: Fundadora das Teresias da Cidade do Rio de Janeiro” (SANTOS *in* AMARAL, 2014, p. 21-72) e seus dois apêndices:

o “Diário Místico de Jacinta de São José que foi entregue a Inquisição de Lisboa” e o “Depoimento de Jacinta de São José aos Inquisidores”¹.

Apesar de datas e detalhes biográficos escaparem do padrão hagiográfico presente em “Vida”, fica difícil saber a realidade factual por detrás de sua tripla redação – a de frei João dos Santos; a do meio-irmão, padre José Gonçalves dos Santos, e a do frei Manuel de Jesus. Seja como for, independentemente de uma tipificação de ordem hagiográfica, enfatizaremos outra perspectiva: a que sublinha o caráter singular da espiritualidade de Madre Jacinta.

“Vida” relata experiências extraordinárias de Madre Jacinta, tanto na infância quanto em sua fase adulta. Privilegiaremos, contudo, o seguinte princípio interpretativo: a riqueza de uma vida não se reduz a episódios espetaculares. Há um fator hermenêutico e motivacional que orienta os eventos e os fornece uma orientação histórico-existencial mais ampla e menos episódica. Padronizar uma vida empobrece a complexidade de seus dramas e suas belezas.

“Vida” não se pretende um retrato psicológico ou sociológico. Nessa obra, encontram-se traços relevantes que nos ajudam a esclarecer a vida espiritual de Madre Jacinta. Para trazer luz a eles, usaremos um viés fenomenológico de leitura das experiências descritas na obra. Nosso desafio será evitar um olhar generalista, para enxergar nas entrelinhas, iluminando a plausível relevância escondida por trás de simples detalhes. Diante do pouco material biográfico – marcado por efemérides –, há um cotidiano que tece uma vida, mas que não é dito explicitamente. Seguindo o ditado, seria como tentar vislumbrar a floresta que não faz barulho enquanto cresce, diferentemente da árvore que cai – como metáfora de acontecimentos grandiloquentes.

Na compreensão do cotidiano embebido pela graça divina, o pensamento de S. João da Cruz tornou-se paradigmático. Assim, faremos uma análise crítico-conceitual da “Vida” desde a teologia mística elaborada por S. João da Cruz. Em sua análise do itinerário espiritual da alma à

¹ Diante da materialidade desses textos, que foram escritos sem divisões e datação (bem como da difícil transliteração) – como na obra *Noite Escura*, de S. João da Cruz, em que havia a numeração de poucos parágrafos no início do livro (DE LA CRUZ, 1982, 385, n. 15). Agradecemos o acesso à edição organizada por Allann Rodolpho Amaral.

comunhão com Deus, o santo espanhol vê a sutileza da ação divina na alma superando fenômenos extraordinários. Junto à padronização hagiográfica, o discurso teórico estandardizado sobre espiritualidade cai numa pasteurização e classificação que não consegue focar e reconhecer o valor de uma possível contribuição espiritual singular e efetiva. Para tanto, não analisaremos todos os detalhes de “Vida”. Procuraremos mergulhar no texto em vista de selecionar alguns trechos paradigmáticos – portanto, não-arbitrários – que englobariam de maneira suficiente e vinculante o conjunto da obra, tanto em sua temática quanto na perspectiva teórica e eficácia prática.

O caráter fenomenológico e empático de nossa leitura de “Vida” – que valida, por princípio, o testemunho de quem a narra – evita a diacronia e visa sublinhar elementos de uma espiritualidade ressonante para os cristãos de hoje em seu dia a dia. Nosso empreendimento teórico tentará reconstituir conceitual e laboriosamente um conjunto semântico coerente da espiritualidade de Madre Jacinta numa antropologia espiritual passível de ser estendida, até mesmo, aos que visem uma vida ética e humanamente significativa, numa universalidade não restrita à confessionalidade.

Aspectos biográficos e institucionais das misericordiosas obediências de Madre Jacinta

Entre outros, três pontos da “Vida” ressoam para o ser humano em geral, marcado por conflitos – e “noites” – pessoais e sociais. De início, o relato biográfico descortina uma família em conflito – situação comum em famílias cristãs ou não. Em específico, salta aos olhos um embate entre o pai, José Rodrigues Aires, e a mãe, Maria de Lemos Pereira, com relação às opções existenciais e religiosas de Jacinta. Um segundo ponto a ser considerado são as perseguições, inclusive eclesiástica, sofridas por Jacinta. “Vida” também contribui para reconhecer o processo espiritual como uma transformação contínua.

A misericordiosa obediência familiar

Com uma origem social privilegiada, tendo acesso a uma boa escolarização – e a bons livros de espiritualidade –, Jacinta conheceu e optou por se consagrar no estilo de vida contemplativa de tradição carmelitana. Aproveitava, então, o fato de ter um quarto só para ela para antecipar sua futura cela monástica. Nesse recanto, ela deu vazão a fervores espirituais, em penitências e orações.

O pai favorece e estimula essas escolhas de Jacinta, a ponto de adquirir ares insólitos para o olhar de nossos contemporâneos em geral – especialmente quando manda construir instrumentos de penitência para sua filha, entregues como um presente do Senhor Menino Jesus, apresentando-os como preferíveis a adornos (n. 7). Em que pese esse tom hagiográfico, o que nos importa nessa narração é constatar uma mútua confiança e cumplicidade entre pai e filha – mesmo, por hipótese, em não contar à esposa quanto ao uso desses instrumentos, embora a mãe desconfie de que os esconde – como efetivamente procede com os cilícios e as cruzes desmontáveis que coloca no oratório, debaixo da imagem do Senhor Menino Jesus (n. 15). Com isso, não causa surpresa o enorme sofrimento de Jacinta com a morte do pai.

Nessa ocasião, com 11 anos, “começou a ter grandes e perigosas enfermidades, que lhe duraram por toda a vida” (n. 16). Nessa enfermidade, “destilava humores pelos narizes, boca e ouvidos” (n. 17), de modo a lhe parecer morte ou de moribundos, “com paralisia, outros com convulsões, outros deixando-a prostrada [e] sem fala, supressões de urina por muitos dias, e finalmente seu corpo era como depósito de todas as enfermidades que sempre teve que sentir até morrer” (n. 17).

Tudo isso ela vivia com “suma paciência, resignação e serenidade de ânimo” (n. 17) – em sintonia com a apropriação sãojoanista da experiência bíblica de enfermidade. Para os salmos, a enfermidade reflete o sentimento de ausência de Deus. Em 2N 6, 2-3, S. João da Cruz retoma o sentimento de abandono de Deus por Davi no Salmo 17: “Cercaram-me os gemidos da morte... as dores do inferno me rodearam; em minha tribulação clamei”; o santo carmelita cita ainda o Salmo 87 como expressão desse sentimento de Davi.

A convivência com os irmãos assemelhava-se a uma vida conventual:

Os seus divertimentos contínuos eram formar Igrejas, conventos, festas, exortações, tudo com seus irmãos em casa, da qual não saíam senão à Missa, ofícios da Semana Santa e festas solenes da sua freguesia, acompanhadas de sua mãe, e jamais foram a outros festejos que não fossem desta qualidade (n. 20).

O relato dá a entender que a mãe, após a morte do pai, não impedia essa doméstica vida “conventual” e zelava quanto ao tipo de evento conveniente a seus filhos. Jacinta e Francisca, em particular, viviam numa especial intensidade essa vida de consagração:

já em sua casa, começaram a viver uma vida de perfeitas religiosas, tem horas de oração, mortificações, muitos gêneros de penitências, frequências de sacramentos, retiros e mais tudo com as cautelas que recomendam o Santo Evangelho. Assistiam assim, mesmo com sua mãe às comunicações civis e políticas das pessoas com que se tratava, mas não tinham beatices, nem visagens que as distinguisse da mais honesta e virtuosa donzela (n. 21).

Note-se que os nomes religiosos que serão escolhidos por Madre Jacinta e pela irmã Francisca compunham e evocavam, conscientemente ou não, a Sagrada Família.

Alguns traços da futura fundadora se antecipam na infância e juventude. Jacinta liderava com responsabilidade, discrição, moderação e amabilidade. Além da iniciativa de vida comunitária, acima descrita, outros dois pequenos textos mostram sua liderança e capacidade mistagógica, mais pelo exemplo do que por palavras. Francisca tinha uma enorme afeição por sua irmã Jacinta, ao ponto de

que pareciam uma alma e um coração em dois corpos. Esta em tudo se sujeitava a Jacinta, que reconhecia não já como irmã, mas como mestra e diretora e também mãe. (...). Nesta forma, Francisca se acomodava ao gênio e direção de Jacinta, sem a menor contradição, querendo sempre o que Jacinta queria (n. 20).

Um segundo exemplo foi o cuidado maternal de Jacinta perante seu novo irmão José Gonçalves dos Santos, filho do primeiro matrimônio de seu padrasto (n. 18) – cuidado que se desdobrou numa reciprocidade em nível heroico. Por reconhecer a legitimidade espiritual de Madre Jacinta, seu meio-irmão sofreu uma proporcional perseguição do bispo diocesano. Mesmo próximo da ordenação, precisou esperar por quase três décadas, mantendo-se fiel à sua vocação sacerdotal e em sua confiança na liderança de Madre Jacinta. Apenas aos 56 anos, com o novo bispo, ordenou-se e pôde finalmente dar assistência ao Carmelo como sacerdote (n. 18; nota 63).

Uma pequena digressão. Pensamos que a liderança de Jacinta se estendia aos criados. As irmãs, ao saírem do quarto de Jacinta, “enchiam o seu tempo com as suas escravas em costuras até o meio dia e depois da refeição até a noite, sem ociosidade.” (n. 21). A busca de proximidade bela e incomum entre classes sociais tão díspares, numa sociedade fortemente hierarquizada, gerava provavelmente uma simpatia que talvez tenha criado uma cumplicidade com as criadas, fazendo-as guardarem segredo perante a mãe de Jacinta acerca dos objetos escondidos por ela em seu quarto.

Um ponto alto nas desavenças entre o pai e a mãe foi o desejo de consagração de Jacinta a Deus. Essa divergência impele seu pai a colocar em testamento seu desejo: “que seja observado tudo o que diz respeito ao cumprimento da vocação de minha filha Jacinta” (n. 14, nota 53). A única da família que parece ser adversa quanto a este seu propósito era a mãe. Com a morte de quem a defendia e incentivava, a mãe quer dissuadi-la e incomodá-la quanto ao seu desejo. Chegou a solicitar que mulheres contassem histórias para que dormisse como uma criancinha, mortificando-a – o que Jacinta enfrentava com paciência e sem se queixar ou resistir a isso; todavia simulava dormir, numa tentativa sábia e prática de que a deixassem (n. 15). Ademais, sua mãe pediu-lhe para que mentisse a si mesma, deixando de lado o que intensamente sentia em seu coração; ela, porém, seguiu com determinação seu chamado divino (n. 9). Numa situação similar a essa, em que uma mãe de futura vocacionada e contrária a seu ingresso no Carmelo, a fundadora carioca se posicionou assertiva e firmemente, como sempre o fez em sua vida pessoal, e comunica

à vocacionada e não à mãe: “minha filha, se vós quereis ir com vossa mãe eu não vos pego, mas se não quereis ir, ela não vos há de levar” (n. 128).

Do acima relatado, faremos duas breves observações. A primeira trata do papel adverso da mãe a certas opções da filha. A nosso ver, ainda que haja certa intolerância injustificável, é sensato imaginar reticências contextuais que favoreçam uma abordagem mais compreensiva. Consideramos excessivo interpretar as ações maternas como se derivassem diretamente do demônio. O demônio personaliza o mal, o que não significa que a mãe de Jacinta o encarnasse ou que tenha sido possuída pelo demônio, embora carecesse de maior resistência a seus propósitos.

Convém aqui realizar uma operação hermenêutica semelhante à de S. João da Cruz. Ao associar o sofrimento de Jó com as tentações do demônio, S. João da Cruz permite entendermos a ação deste como uma oportunidade de a alma ser checada em sua fidelidade a Deus. Fazemos uma comparação. O demônio tenta Madre Jacinta a se condenar como “pecadora perdida, enganada e desgraçada” (n. 73), deixando-a confusa – fruto da purificação da alma pela “noite escura”, sentindo-se no purgatório (2N 7, 7). Sua humildade, ao se deixar conduzir pela orientação e pela oração do confessor – quando usa os Salmos – teve um papel especial para sair desse sentimento de perda. A verdadeira humildade não é falar mal de si, mas seguir a providência de Deus para si, realizando sua obra na criação diante das circunstâncias que acontecem. O sentimento de baixa e grandeza pela alma (n. 79) é periférico e relativizável, consoante o critério sãojoanista central: a dinâmica teologal.

Infelizmente, a influência do demônio não se deu da mesma forma em sua mãe, pois, no texto, ela não resiste suficientemente a suas ações. Nessa comparação se constata duas gigantescas diferenças. Mesmo se considerando má e já condenada, Madre Jacinta não aponta o dedo acusatório e desqualificante para ninguém, como sua mãe. A segunda diferença foi exibir sua docilidade ao Espírito Santo que agia em seu confessor e que a permitiu superar essa ilusão e perceber a verdade sobre si mesma (n. 73). Daí que, apesar dessas importantes diferenças, não caberia, de antemão, antecipar uma inevitável e futura condenação eterna da mãe de Jacinta. Afinal, a mistagogia misericordiosa de Jacinta participa

do sofrimento universal de Cristo em vista da salvação de todos (n. 79), incluindo evidentemente, a própria mãe.

Além da observação anterior acerca da ação do demônio, evidenciamos uma segunda, também controversa, que trata dos sofrimentos físicos e espirituais. Analisemos a ação do anjo da guarda de Jacinta de acordo com um acontecimento de 1744, quando retira a coroa de espinhos, passando a sofrer dores de cabeça (n. 108). Percebemos, por essa ação, que, na linha da doutrina sãojoanista, a penitência excessiva não é por si só sinal de que se vive uma vida de busca a Deus. Tanto S. João da Cruz quanto Jacinta – sua discípula no seguimento de Cristo – entendem o sofrimento desde o paradigma bíblico da provação e dos sofrimentos de Jó (n. 72). Os sofrimentos geralmente envolvem a alma em seu itinerário para a comunhão com Deus. Ambos se espelham nos Salmos e nos profetas, principalmente Davi, para descreverem a dolorosa experiência desse processo. Para compreendermos a tradução dessa fonte bíblica para a vida espiritual, em linhas gerais, convém distinguir a penitência efetuada por iniciativa pessoal e a penitência mais difícil, como no sofrimento de Jó – advindo de fora e, em última instância, de iniciativa divina.

A mortificação dos apetites sensíveis, na “noite ativa dos sentidos”, favorece a intensidade do amor a Deus para que Ele protagonize o itinerário espiritual. A *noite escura* é uma expressão paradigmática de S. João da Cruz. A doutrina deste não visa padronizar experiências, não obstante aponte uma mistagogia que trata da ação de Deus nos meandros singulares de cada alma, por meio das “noites escuras”. O símbolo noturno tem uma longa tradição, que se inicia nas Sagradas Escrituras. A “noite” demonstra em que perspectiva S. João da Cruz absorve a Sagrada Escritura – especialmente nos exemplos de Abraão e Moisés, Davi e Elias na obediência a Deus e a sua lei (VILLER et al., t. IV, col. 250). O santo carmelita, dentre as 924 citações da Bíblia, seleciona aquelas voltadas para a compreensão de sua experiência, principalmente nos livros sapienciais, nas cartas paulinas e no Evangelho de João (VILNET, 1949, p. 35). A experiência da ação divina na alma é o princípio bíblico-hermenêutico de S. João da Cruz.

A Tradição da fé e a Sagrada Escritura se mesclam num enfoque histórico-existencial da “noite escura” que torna paradoxal o círculo

vivificante de sua doutrina. Das Sagradas Escrituras, o símbolo da “noite” passa por Fílon de Alexandria e Orígenes, vai aos místicos capadócijs, com Gregório de Nissa e Dionísio Aeropagita, transitando pela mística renana, até S. João da Cruz, que não fica refém a nenhum desses autores em sua originalidade e complexificação (BARREIRA, 2013, p. 46). A “noite escura” se converte num símbolo da experiência de alta densidade espiritual, o qual se configurou chave e síntese da descrição e análise originais do santo espanhol, superando a apropriação medieval e possibilitando melhor compreensão da ação divina na alma dos “avançados” na vida espiritual.

Com o objetivo de fazer o leitor viver plenamente, sua doutrina não se reduz a teorias sobre espiritualidade. Para S. João da Cruz, o símbolo da “noite escura” é mais do que uma expressão conceitual. Tal experiência da noite dificulta e impossibilita restringir a vida em conceitos. A mensagem e o texto sãojoanista têm um caráter paradoxal e “enrugado” que nos mergulha no mistério abissal a cada vírgula de seus textos. Por conseguinte, encontra-se em S. João da Cruz uma “doutrina” que não pretende engaiolar o mistério em definições indexicalizadas de dicionários de mística ou em manuais de teologia espiritual. Diferentemente da perspectiva neoplatônica, o processo espiritual é crise contínua e menos estados fixos, o que constitui a original apropriação da “noite escura” por S. João da Cruz: “nunca permanece num estado, senão tudo é subir e descer” (2N 18, 3; RUIZ SALVADOR, 1968, p. 453). Um trajeto irregular e singular, não algo linear e padronizante e, por isso, o místico renascentista o qualifica de “ditosa ventura” (1 S arg). Seria como entrar numa picada no mato, aberta por Deus, para além de uma estrada previamente descrita e pavimentada por manuais abstratos sobre teologia espiritual.

De maneira esquemática – e um tanto empobrecedora –, há uma noite sensível, que purifica os sentidos (parte inferior da alma), e outra, a noite espiritual, que purifica o espírito (parte superior da alma); ademais, ela é ativa ou passiva, de acordo com a ênfase se dê, no protagonismo da alma ou de Deus. Enfatizando a docilidade da alma às ações divinas, a “noite passiva dos sentidos e do espírito” é passiva porque não é protagonizada pela pessoa e sim pela contemplação amorosa de Deus. A pequena Jacinta, por exemplo, viveu a “noite passiva dos sentidos” quando, numa perseguição do demônio, sofreu a violência de outras meninas, que

a machucaram, ou quando elas a expulsaram para a rua e a colocaram num poço – embora tenha dito à mãe que estava a ver águas; sendo por ela acusada de cometer travessuras (n. 5).

Do conjunto de sofrimentos vistos antes, talvez o mais intensamente doloroso – em sintonia com a passividade espiritual da noite – tenha sido a ferrenha oposição do bispo diocesano à fundação do Carmelo. Madre Jacinta chegou a escrever ao Governador, e protetor da comunidade, sobre seus “grandes e horríveis trabalhos e desgostos mais fortes que a morte” (n. 140), conforme veremos na próxima seção. Essa frase indica o drama de Madre Jacinta perante a injustiça, a solidão e sua realidade existencial de incompletude. Contra o padrão hagiográfico dominante e sem cuidados de conveniência, “Vida” não esconde algo incômodo: Madre Jacinta sofreu a pecha de desobedecer a hierarquia eclesiástica. Descortina-se aí um vislumbre da noite por antonomásia: a “noite passiva do espírito”. Importante: atente-se aqui para a diferença entre estados psicológicos e fidelidade da alma a Deus; aqueles não se confundem com esta, que participa de uma dinâmica ontológica da alma, em conformidade com a vida de Madre Jacinta.

A misericordiosa obediência eclesiástica

Assinala-se, de início, que – talvez pela proximidade com os frades capuchinhos e por tradição familiar – Jacinta se vinculou à Ordem Terceira Franciscana (n. 28, nota 76). O fato é que optou por se consagrar como carmelita, uma tradição espiritual presente em nossas terras desde a colonização.

Sua opção pelo Carmelo Descalço ou Teresiano foi consequente. As duas irmãs e dois de seus irmãos – Sebastião Rodrigues Aires e José Gonçalves dos Santos, futuros sacerdotes – viviam no “deserto” da Chácara da Bica num estilo anacóretico (n. 34); seguindo a Regra da Ordem Carmelita, cujo carisma se traduz em “meditar dia e noite a lei do Senhor” – por sinal, tais “desertos”, onde se vive o eremitismo em busca do único necessário (Lc 10, 38-42), existe ainda hoje na tradição carmelitana.

Sendo de família nobre, Madre Jacinta se converteu numa das “pobrezinhas de Nosso Senhor Jesus Cristo” (nº 141) – o que remete à simplicidade da casa de fundação dos frades carmelitas descalços no povoado de Duruelo, na Espanha. Na Chácara da Bica, as irmãs habitavam uma casa

como deserta, sem cultura alguma, só algum arvoredado, as casas ainda que não pequenas, estavam arruinadas e do meio para trás sem paredes e como toda [p. 23] era de adobes e taipa de mão, apenas havia algum pau e o telhado em pé sem portas a maior parte, o caminho dos arcos para dentro era um trilho por lamações sem concurso de povo. Enfim, a dita chácara se mostrava em tudo deserta e despontada (nº 30).

Como bem assinalado em “Vida”, porém, a vida contemplativa não depende tanto do exterior quanto da verdadeira observância (n. 112). O grande desafio, contudo, não foi essa pobreza. O mais difícil foi Jacinta sentir-se incompreendida por quem representava a Igreja, que tanto amava e queria obedecer (n. 136); no entanto, obedecer à vocação de Deus precedia a que devia ao bispo. Ela acabou abandonada: “sem sossego, sem nome e sem crédito, pois de tudo estou destituída e com presságio de ser acusada” (n. 141).

Observa-se curiosamente que um dos motivos que fez o bispo diocesano do Rio de Janeiro, D. Fr. Antônio do Desterro Malheiros, opor-se à consagração de Madre Jacinta na Ordem Carmelita Descalça foi o preconceito cultural daquele. Com efeito, consta os seguintes dizeres sobre os sentimentos do bispo: “no Brasil não se podia praticar as Regras de Carmelitas Descalças de Santa Teresa e assim não queria que Jacinta e suas filhas a professassem” (n. 141). Nesse trecho, ao que nos parece, o bispo considerava nossa cultura e nosso clima impróprios para se viver o rigor e a austeridade da Regra dessa ordem religiosa. Caso essa leitura esteja correta, nessa rejeição de nosso universo cultural – mesmo se hipoteticamente não estivesse equivocado –, nota-se um grave erro de matiz espiritual. Junto à sutil desqualificação social e cultural, de um ponto de vista espiritual, não seria condizente consagrar-se a Deus procurando uma vida cômoda que afaste a austeridade e vise um estilo confortável e seguro, fácil e afeito à satisfação pura e simples de

uma sensibilidade comum. Madre Jacinta teve determinação e coragem para não se levar por esse ou qualquer outro preconceito. Para tanto, o ônus foi viver a espiritualidade com todas as exigências, sofrimentos e desafios, ainda maiores por conta da perseguição sofrida por quem haveria de estimulá-la e protegê-la em seu caminho de fé – com o ônus de formal e institucionalmente não ingressar na Ordem pela qual tanto sofreu para ver implantada no Brasil.

Ser fiel a Jesus nos passos de Teresa não exclui a criatividade diante de novos contextos. Foi o que fez Teresa em sua época perante a antiga observância da Regra do Carmo. Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz, ao empreenderem a reforma da descalcez, responderam à emergência de uma nova subjetividade e de uma nova sensibilidade social. Não obstante reagirem à Reforma Protestante, eles protagonizaram uma Reforma Católica, ressignificando a mensagem espiritual cristã no Renascimento europeu marcado pela nova valorização do humano.

Uma tradição espiritual não é feita só olhando para traz, mas também pelo vislumbre operoso de um futuro construído desde agora. Conforme consta em “Vida”, Teresa “era Castelhana e, ela, Jacinta, era Americana e, porá estas terras sem sair da substância das suas leis no modo necessitavam que fossem diferentes para a boa observância delas” (n. 112). Logo, um exemplo desse bom senso de Madre Jacinta – que relativiza a contingência para manter o que há de substancial – deu-se ao confeccionar “hábitos de estamemha parda e capas de baeta branca em atenção ao clima” (n. 134), tendo a atenção de que isso não constitui a “substância de suas leis” (n. 112). Separar o que fica e é necessário do que passa e é circunstancial é a arte do líder, sobretudo de uma fundadora, que traduz a mensagem da salvação a seus contemporâneos e permite à tradição cristã sinalizar a salvação diante de novos contextos.

Diante da iniciativa de Madre Jacinta, o requinte das perseguições são incompreensíveis para nossa sensibilidade. Impressiona-nos perceber que a perseguição do bispo às irmãs – chamadas de *terésias* (n. 2 e 8) – manteve-se inclusive após a fundação de um convento na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1750, dedicado a viver a Regra de Santa Clara da Madre de Deus: o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda.

Outro fator de incompreensível e cruel implicância para nós foi a denúncia do fato de o ritmo comunitário ser marcado pela reza do breviário nas horas canônicas – “tocando com uma campainha às horas da oração e coro, o que faziam então rezando o Ofício de Nossa Senhora” (n. 35). Contra essa estranha denúncia, esse pioneirismo de Madre Jacinta em rezar o Ofício Divino, no entanto, antecipa em 200 anos a recomendação do Concílio Vaticano II, de universalização do Ofício Divino a toda a Igreja, extensivo aos leigos (SC 100). O breviário contém uma seleção de importantes textos bíblicos e de sermões que favorecem temáticas comuns entre Madre Jacinta e S. João da Cruz, na linha da tradição patrística e místico-teológica. Mesmo sob orientação do confessor carmelita descalço, frei Manoel de Jesus, a reza do breviário – então exclusiva da Vida Religiosa – motivou a denúncia de um beneditino ao bispo diocesano. Este, por sua vez, denunciou Madre Jacinta à Inquisição de Lisboa (n. 35, nota 86).

Vemos nisso um paralelismo na perseguição vivenciada por S. João da Cruz. Nosso santo chegou a ser, por oito longos meses, encarcerado em Toledo por seus coirmãos de Ordem. Ao contrário, porém, de se resignar perante essa injustiça, S. João da Cruz fugiu às escondidas, à noite, pela janela da cela, utilizando uma corda. Semelhantemente a essa fuga, Madre Jacinta realizou secretamente uma viagem a Portugal, para obter o Breve Pontifício de autorização e fundar o Carmelo no Brasil, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Lá chegando, Madre Jacinta compartilhou seus desafios e conseguiu apoio de gente da Igreja e da nobreza, como a rainha e o rei Dom José I, que tinha um representante em Roma para tratar de assuntos eclesiais como esse (n. 1, nota 32). Com o apoio da Igreja e do Estado, na pessoa do General Gomes Freire de Andrade, Governador do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas – que ajudou na construção da Capela Menino Deus e do Convento de Santa Teresa, bem como deixou em testamento os demais bens para o Carmelo (n. 131, nota 142) –, Madre Jacinta conseguiu finalmente o Breve Pontifício, no Natal de 1755 (n. 149 e 150). Ela morreu em 1773 (n. 163).

Aspectos conceituais da espiritualidade de Madre Jacinta

Para se compreender o arcabouço conceitual da espiritualidade de Madre Jacinta, apoiar-nos-emos na fenomenologia das manifestações do processo espiritual descrito pelo santo renascentista. Uma fenomenologia da vida mística, que fornece significação às múltiplas e diversificadas curvas e crises de um processo em que a alma dança no ritmo e no estilo de Deus.

A contemplação que supera as potências naturais e as experiências extraordinárias

Tendo em vista que a contemplação excede as potências da alma, façamos uma análise geral, com base no pensamento sãojoanista sobre os fenômenos extraordinários ou que participariam desse conjunto semântico, tais como: a) visões e revelações – que analisaremos mais detidamente a seguir; b) milagres – como a cura da criança com pés deformados (n. 23); c) locuções – diante da dúvida e ambiguidade de Jacinta, em que sentia paz embora se considerasse pecadora, quando então o Senhor a acalma e se solidariza com ela (n. 54); d) bilocação e êxtases – como a que Jacinta obteve aos 15 anos ao ficar estática por 48 horas (n. 24).

Retomemos o jeito de S. João da Cruz olhar tais manifestações, com o fito de dosar o peso hagiográfico que “Vida” coloca nelas. Os hagiógrafos fazem ilações equivocadas na narração interessada que elaboram, sublinhando tendencialmente certos fatos, em detrimento de outros. O nexos causal entre fenômenos e santidade, contudo, não é tão óbvio como nos induz o texto. Como veremos, essas manifestações não qualificam, por si só, a vida espiritual de alguém. Nossos pontos de apoio para legitimar a espiritualidade de Madre Jacinta serão outros. Há muitos deles!

O peso que os sentidos corporais assumem – nas visões, locuções ou demais experiências extraordinárias – torna essas manifestações um risco para a alma realizar seu voo para Deus, devendo esvaziá-los de peso espiritual. As experiências extraordinárias, que acontecem nas potências, precisam ser superadas. Como seria isso viável? O ponto central é a alma

não se deslumbrar ao ter essas manifestações, orgulhando-se ou se fixando nelas. Necessita-se, isto sim, ignorá-las quando as têm. Caso contrário, alguém se pensaria mais ou menos espiritual por tê-las ou não. Isso seria um equívoco diante do mistério de Deus que perpassa a todas as pessoas.

Muito além da hagiografia, caberia equacionar esses fenômenos suspeitos como critério *tout court* de vida espiritual. Eles são ambíguos e questionáveis na doutrina de S. João da Cruz acerca da santidade, ainda que a narração de sua vida tenha ironicamente sofrido esse critério hagiográfico no contexto de sua beatificação (DIEGO SÁNCHEZ, 1990, p. 96). A transformação da alma não implica nesses fenômenos extraordinários – apesar de não a impedirem. Muitos êxtases e levitações de Madre Jacinta aconteceram em contexto litúrgico, como na solenidade da Epifania (n. 41 e 42). Assim, mais do que centrar na excepcionalidade fenomênica, há de se focar o mistério de Deus que gera Vida em sua vida cotidiana.

Não se nivela ou contabiliza o mistério contando fenômenos não-comuns e não usuais. Ele é sempre maior do que tudo isso. Isso posto, o inverso é igualmente possível. Nosso comentário não deseja excluir de uma vez por todas uma factível ação divina que aconteça nos sentidos e se converta em meio de acesso ao mistério de Deus, na contemplação amorosa. Não convém desmerecer a qualidade espiritual de alguém pela ausência dessas manifestações, ainda que presentes na vida dos santos fundadores da Ordem e discretamente em Santa Teresa do Menino Jesus. Essa seguidora de S. João da Cruz, por sinal, propôs um modelo de santidade ordinária e simples, a “pequena via”, aplicável na vida do dia-a-dia de qualquer um – proposta revolucionária diante de um contexto jansenista, culminando na honra de seu doutorado pelo Papa João Paulo II, em 1997.

Daí advém a exigente aprendizagem de se desnudar do lastro sensível, para, assim livre, voar até Deus. O elemento-chave para se analisar esses fenômenos é o dimensionamento da importância dos sentidos e das potências naturais para a vida espiritual. Esses fenômenos ajudam ou atrapalham, com o agravante de que os inimigos da alma – a carne, o mundo e o demônio (que se utiliza dos dois primeiros) – se aproveitam dos sentidos para, poderosa e astutamente, atacar a alma, corrompendo-a e a seduzindo. O demônio age na penumbra e confusamente – com dificuldade de o entender –, dando ideias falsas e persistentes advindas do

temperamento de alguém, como a ideia de que está condenada, apesar do “ordinário cuidado e solicitude de Deus com pena e receio de que não lhe serve” (1N 11, 2). No centro da alma – sacrário onde mora Deus –, o demônio, porém, não consegue atingir a alma. O toque substancial de Deus no centro e substância da alma supera e geralmente contraria as experiências ordinárias e naturais, bem como às experiências extraordinárias e sobrenaturais que recaem na particularidade das potências da alma – o entendimento, a memória e a vontade.

As potências da alma precisam ficar desnudas de formas sensíveis e naturais para estarem abertas à ação de Deus, que não se acomoda a padrões naturais, consoante o esclarecimento de S. João da Cruz: “tudo o que a imaginação pode imaginar e o entendimento receber e entender [nesta vida] não é nem pode ser meio próximo para a união com Deus” (2S 8, 4). A soberania da ação de Deus não depende da operação natural das potências – o que não significa que essas realidades não tenham valor moral ou cognitivo. A imaginação cria imagens complexas de coisas inexistentes, o grande problema é sua inclinação a divagar. A imaginação conduz inicialmente a parte sensível às coisas mais elevadas por meio de símbolos; todavia, essa simbolização continua distante da essência divina.

Sem preconizar um estéril e antimistagógico apofatismo radical em busca do Deus encarnado, S. João da Cruz, na tradição da teologia negativa, ensina-nos acerca da sacralidade do Mistério de Deus, sempre maior do que se afirma sobre Ele. Destarte, “a alma vai a Deus, antes que compreendendo há de ir não compreendendo; há de trocar o comunicável e compreensível pelo incomunicável e incompreensível” (3S 5, 3). Como diz a última frase do “Diário Místico de Jacinta de São José que foi entregue à Inquisição de Lisboa” (AMARAL, 2014, p. 90-96): “Não sey se com isto me explico porem não sey como dizer, e como me explique assim digo P^o meu que he huma alma posta nesta fonte”. O paradoxo é que essa cegueira é fruto do excesso de luz dessa fonte de amor, esclarece S. João da Cruz: “quando esta divina luz de contemplação investe na alma que ainda não está totalmente iluminada, deixa-a em trevas espirituais, porque não só a excede, mas também a priva e obscurece o ato de sua inteligência natural” (2N 5, 3).

A contemplação precisa obscurecer o mecanismo ordinário e natural do conhecimento. Para explicar isso, seria necessário compreender a teoria do conhecimento de tradição tomasiana, da qual S. João da Cruz é herdeiro. Em linhas gerais, tudo o que se manifesta de forma “clara e distinta” exige superação. As imagens são marcadas por notícias particulares porque se lastreiam nos sentidos corpóreos. Segundo essa teoria do conhecimento, o entendimento, advindo dos sentidos, tem uma “apreensão natural ou sobrenatural que seja distinta e clara” (3S 7, 2; 33, 3.5). Essa sua função natural e ativa, embora relevante, necessita ser superada para se transformar espiritualmente a alma. Afirma S. João da Cruz:

pois Deus não está sob forma nem sob nenhuma notícia distinta, como o dissemos na Noite do entendimento; e, pois, ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6, 24), como diz Cristo, não pode a memória estar juntamente unida com Deus e com as formas e notícias distintas, e como Deus não tem forma nem imagem que possa ser compreendida pela memória, daqui é que, quando está unida com Deus, como também por experiência se vê cada dia, fica sem forma e sem figura (3S 2, 4).

Apesar de distintas das visões e imagens produzidas pelos sentidos, as visões extraordinárias, locuções e revelações são notícias claras e distintas. As “visões imaginárias e espirituais” (2N 2, 3) ou “puramente espirituais” – como a de Jesus Cristo carregando a cruz e a colocando sobre os ombros de Jacinta (n. 13) ou, até mesmo, a visão imaginária de S. João da Cruz, em junho de 1744, para sossegá-la quanto ao equívoco de seus escrúpulos, em sintonia com seu confessor (n. 6) – trazem igualmente um conhecimento claro e distinto; por conseguinte, não deveríamos sobrevalorizá-las. Ainda que não venham dos sentidos, essas visões obstaculizam o encontro direto e imediato da alma com Deus (3S 6). Diz João da Cruz:

chamo puramente espirituais, porque não são comunicadas ao entendimento pelos sentidos corporais, como acontece nas (apreensões) corporais imaginárias; mas, sem meio algum do sentido corporal, exterior ou interior, se oferecem ao entendimento clara e distintamente por via sobrenatural, de modo passivo, isto é, sem que a alma coopere com algum ato ou obra de sua parte, aos menos ativamente (2S 23, 1).

As experiências extraordinárias, caso se tratem de graças divinas, são de tipo acidental e corporal. A contemplação infusa acontece num entendimento de tipo passivo, porquanto só desse jeito se dá a inflamação de amor na vontade. Por isso, as notícias da união de amor são gerais e obscuras – e, aí sim, graças místicas essenciais:

estas visões de substâncias espirituais não se podem desnudar e claramente ver nesta vida com o entendimento, podem-se, no entanto, sentir na substância da alma com suavíssimos toques e abraços, que pertencem aos sentimentos espirituais, dos quais com o divino favor trataremos depois. Porque a estes se endereça e encaminha nossa pena, que é o divino abraço e união da alma com a Substância divina, quando tratarmos da inteligência mística e confusa ou obscura que fica por dizer, onde trataremos como, mediante esta notícia amorosa e obscura, Deus se une à alma em grau elevado e divino; porque, de alguma maneira, esta notícia obscura amorosa, que é a fé, serve nesta vida para a divina união, como a luz da glória serve na outra de meio para a clara visão de Deus (2S 24, 4).

A substância da alma evoca toda a alma. Dela se irradia o amor divino para as potências e para a dimensão corporal da pessoa. Sem imagem ou forma corporal particular, a união com Deus acontece no centro da alma, onde ela se abre e vive o jeito não “padronizante” de Deus nos amar. Isso acontece “sem saber como e por quê” (1N 11, 1). Por isso, o “divino abraço” não nega a fé, mas traz um dinamismo existencial para ela, que se configura como teologal e não simplesmente um clássico assentimento racional de verdades reveladas. A fé-assentimento é superada – não negada – pela fé-atitude. Essa atitude, porém, não é a fé como meio ascético da “Subida do Monte Carmelo”, mas a fé na obra *Noite escura*. Aí se preconiza uma transformação da fé pela fé, aí entendida como contemplação-obscura. O viés ascético-moral é muito pouco para a união com Deus, que pressupõe uma transfiguração teologal da ordem natural no mistério de seu Ser.

A dinâmica do amor de Deus na alma, segundo o “Diário Místico”

Para sair da gangorra atordoadora da alma e entrar numa dinâmica teologal, a experiência contemplativa acontece especificamente no fundo da alma, sem implicar numa imagem formada “intelectual e espiritualmente pela forma que na alma deixa impressa, que também é forma ou notícia ou imagem espiritual ou formal pela qual se relembra” (3S 14, 1). Outra potência da alma, a memória, no caso de se fixar na lembrança de experiências espirituais passadas, torna-se, igualmente, um obstáculo ao Deus sempre novo. A alma não deve se reter em amarguras ou em alegrias passadas, mas se abrir ao novo da experiência de Deus, que se manifesta a cada instante e de maneira nova:

quando a alma entende disto a cada momento tiramos experiência, pois vemos que, cada vez que a alma se põe a pensar alguma coisa, fica mobilizada e alterada, no pouco ou no muito, sobre aquela coisa, segundo seja a apreensão: se pesada e molesta, tira tristeza [ou ódio, etcétera]; se agradável, tira apetite e gozo, etc. (3S 5, 2).

Eis a lição sãojoanista para as potências naturais: o meio “adequado” para se experienciar a realidade essencial de Deus é viver o jeito dele amar, que é sem forma ou figura para não engaiolar seu mistério de amor. Dessa maneira, o amor divino também purifica a vontade, outra potência da alma. O obscuramento da vontade pela contemplação amorosa sinaliza a exigência de não se contentar com as habilidades naturais. Para João da Cruz, a afetividade é positiva quando despoja a vontade “de todos seus velhos querereres e gostos de homem para que seu obrar de humano se torne em divino” (1S 5, 7). Não se preconiza, portanto, o aniquilamento dos apetites, mas sua reforma e reorientação para Deus – o próprio João da Cruz se corrige: “apagados ou, melhor dizendo, mortificados” (1S 3, 1). Vemos essa dinâmica afetiva e amorosa culminando na “união de vontade” ou matrimônio espiritual: uma presença amorosa por semelhança. Deus está presente sob condição natural e substancial, visto que ela participa analógica e ontologicamente de seu criador. Explica S. João da Cruz:

E esta maneira de união (substancial) sempre há entre Deus e as criaturas todas, na qual lhes conserva o ser que têm; de maneira que, se [delas] esta faltasse, logo se aniquilariam e deixariam de ser. E, assim, quando falamos de união da alma com Deus, não falamos desta substancial, sempre existente, mas da união e transformação da alma em Deus (por amor), que não está sempre existente, mas apenas quando há semelhança de amor. E, portanto, esta se chamará de união de semelhança, assim como aquela, união essencial ou substancial (2S 5, 3).

A alma precisa voluntariamente aceitar a graça de viver o modo divino, que supera toda ordem natural:

Ainda que seja verdade, como dissemos, que Deus está sempre na alma dando-lhe e conservando-lhe o ser natural com sua assistência, nem sempre comunica-lhe, porém, o ser sobrenatural. Porque este não se comunica senão por amor e graça, na qual nem todas as almas estão; as que estão, não em igual grau, porque umas [estão] em maior; outras, em menor grau de amor. De tal modo que, para aquela, Deus se comunica mais por estar mais avançada no amor, que é ter mais conforme sua vontade com a de Deus; a que totalmente a tem conforme e semelhante, está sobrenatural e totalmente unida e transformada em Deus (2S 5, 4).

Madre Jacinta, em seu “Diário Místico”, também descreve essa união por semelhança de amor ou união de vontade: “não sabe nem pode nem vê nem acha em sy mais q o que quizer fizer despozer aquella divina vontade. Aqui comessa a não haver pena a não haver dezejos de amor a não ter sede nem daquelle amor que tanto a fazia arder” (Apêndice I; *in* AMARAL, 2014, p. 91).

Essa descrição esclarece que se chega à união de vontade após ânsias de amor, que “secam os ossos nesta sede, e murcha o natural, e perde seu calor e força pela vivacidade da sede de amor, porque sente a alma que é viva esta sede de amor” (1N 11, 1). O fogo da contemplação fere e seca a alma de tudo que lhe é natural. Na dinâmica amorosa da ação contemplativa na alma, diante de tamanho sofrimento e ansiedade, terão amores suaves de união amenizam essa dor. Em sintonia com S. João da Cruz, Madre Jacinta os descreve no “Diário Místico” (*in* AMARAL, 2014, p. 90-96) como gotas de quietude e paz que caem na alma:

Canço em pacífica quietação em descansada paz esta he tanta que a faz inmovel he tanta que della se derrama, e as vezes em tal forma que se acha como adestilar frescura de suaves descansos nascida de huma verdadeira, e digo mais esta alma assim farta, e cheya não cabe em sy [...] assim como posto hum vaso na fonte em o qual vaso esta corre e nelle está posto para nelle correr, e que esteja cheyo entra a derramar por todos os lados, e ja destesem delle se tirar agoa chegão muitas vezes a sueber as suas gottas que delle caem.

Essas gotas de calma e serenidade depois da inflamação de amor mostram que, mais do que estrutura formal, a contemplação age ambiguamente na afetividade – numa ação angustiante e purificadora ou em suaves toques de união, para amenizar essa ferida de amor.

Em seu “Diário Místico”, Madre Jacinta equaciona as ânsias de Deus, causadas pela inflamação da contemplação amorosa, com a “união de vontade”:

que dezejava conhecer q só ama quem só (por) o que dezeja amar vê que o amor não está em querelo amar mais sim em querer o mesmo que quer o amado. Comessa a só gozar, e só querer que nella só se faça bem a vontade de seu amado, e sendo esta todo o seu regallo e buscando aqui só esta divina vontade não huma só ancia nem hum só movimento de mais nem de menos querer este mesmo querer que so se faça em ella esta divina vontade. (AMARAL, 2014, p. 90-96)

Esta citação é de uma profundidade sem par. Ora, querer o Amado não é idêntico a querer o querer do Amado. A purificação contemplativa acontece por conta de uma compreensão infinitamente distante da dinâmica do amor na alma dos adiantados na vida espiritual. Afinal, tudo é graça! A coroa dessa dinâmica amorosa da ação divina na alma será sua transformação e descanso no matrimônio espiritual. No “Diário Místico”, explica Madre Jacinta:

He de tal sorte que não lhe move huma inquieta onda em descansado mar se acha movendose só por aquella divina vontade que nella ja ve ser a que a move. Posta assim alguem vendo que muito ama quem não quer mais nem ve em [manchado] que o que quer o mesmo amado em ver que

só o que elle [manchado] e como elle a quer esta acabamse as suas ceddes descansão as suas ancias e aquietamse as suas ondas habatemse os seus (manchado) fim toda se veste de fresca primavera vendose farta porque esta sua fome e sede lhe cauzava o não estar morta sua vontade e não ver em sy aquelle que ja ve ja com elle se regalla e se farta e como esta mesma seja a união com Deos.

Na união cessam-se as ânsias e há um amor-fruitivo e gozoso. Ao se conseguir viver o protagonismo do amor de Deus, o gozo da alma expressa sua posse e satisfação quando enfim se transforma e une com Deus. Aprofundando isso, o “Diário Místico”, a nosso ver, supera genialmente a frase segundo a qual, com a união, se vive “mais do ceo” do que na terra. O texto propõe uma frase mais sutilmente significativa. O detalhe da alteração que Madre Jacinta nos propõe denota a univocidade entre esta vida e a outra, quando se “vive ja no ceo ainda q se acha na terra” (in AMARAL, 2014, p. 95). A união não é um meio para a vida futura, que se colocaria tão só estrategicamente, sem uma importância maior a não ser como uma mera etapa causal para a vida no céu.

Não só isso. Madre Jacinta não compreende a união como sendo uma antecipação escatológica da vida nova e plena. O matrimônio espiritual, em termos sãojoanistas, não é uma penúltima e quase-união, da qual advirá outra, talvez superior e definitiva. Com originalidade e ousadia evangélica, ela afirma no “Diário Místico”:

chego a dizer pelo muito com que aqui a tem transformado o Senhor em sy fica em tal forma e he tamanha a transformação do Senhor nesta alma que della nada apa [manchado] isto he o que me faz dizer ser aqui esta união nam só união não ainda mais que união.

Madre Jacinta consegue, de maneira impressionante, impulsionar mais profundamente a sua reflexão teológico-espiritual. Dependendo sempre do arbítrio e da soberania divina – que age como e quando quiser –, advém a união da alma com Deus, quando Ele se constitui como seu novo centro de gravidade existencial. Para a alma nessa situação, a morte não seria tanto um futuro renascimento. A morte a si precipita a nova e eterna realidade da “divina vida”, quando, de acordo

com o “Diário Místico”, a alma não sabe, não sente e não vive em sua condição natural:

He tão divina esta divina vida que he só meu Senhor o q nesta vive; não digo isto porque eu também não viva porem vive só ja neste estado sano alma como a morte, ou morto, não diz não sabe, não sente, e não se move aqui a alma esta de todo morta e tam morta, que não ha o mais pequeno movimento.

A união de amor pressupõe a purificação do sentido e das potências naturais. Com a transformação de seus hábitos e atos, eles se sintonizam e se harmonizam com a dinâmica do espírito e conduzem a alma – ou a pessoa – para se unir inteiramente com Deus. A vida contemplativa transforma a alma, que significa deixar um jeito humano de ser para assumir o jeito divino e teologal (2N 4, 2):

saí de meu trato e operação humana à operação e trato de Deus; a saber: meu entendimento saiu de si, mudando-se de humano e natural em divino, porque, unindo-se por meio desta purificação com Deus, agora não entende por seu vigor e luz natural, mas pela divina Sabedoria com que se uniu. E minha vontade saiu de si, fazendo-se divina, porque unida com o divino amor, já não ama baixamente com a força natural mas com força e pureza do Espírito Santo, e assim a vontade próxima de Deus não age humanamente. E, nem mais nem menos, a memória converteu-se em apreensões eternas de glória.

Assim, há um condicionamento da perfeição moral pela dinâmica teologal.

Considerações finais

A *misericórdia* parece ser a palavra-chave da espiritualidade de Madre Jacinta. Vejamos a repetição e a ênfase dessa palavra no trecho a seguir:

Aqui correu a alma de Jacinta e pôs todas aquelas almas debaixo da Misericórdia do Senhor e com especialidade aquela, clamando ao Senhor que usasse com ela de misericórdia e como via que o Senhor não despachava suas súplicas, saiu a sua alma a buscar em Deus a execução da sua misericórdia (n. 60).

Para além de uma verticalizada tolerância, Madre Jacinta agiu horizontalmente abraçando como um anjo de misericórdia várias situações de perigo. Elenquemos tão só dois exemplos: suas orações pelas almas do purgatório e, de maneira mais concreta, no acolhimento difícil daqueles mais próximos, como o de uma religiosa que se corrompeu (n. 76). No entanto, sua “noite escura” mais intensa foi ocasionada por quem ela menos esperaria: seu superior canônico imediato, o bispo diocesano, que a denunciou e lhe exigiu responder a essas denúncias perante a Inquisição.

Em que pese Madre Jacinta escrever seus textos a mando do confessor, mais do que por conveniência ou interesse pessoal, podemos constatar, em nossa pequena análise de “Vida”, a profusão de palavras de conteúdo semântico afetivo para com Deus e seus próximos. Enumeremos aqui, em linhas gerais, algumas características da mistagogia misericordiosa de Madre Jacinta: obediência em contexto conflituoso, institucional e pessoal; dinâmica teologal e processo espiritual contínuo; liderança pelo amor misericordioso e pela oração; intimidade com Deus pela eucaristia, pelo Ofício Divino e pela direção espiritual; determinação pessoal em sintonia com o coração.

Contra o discurso hagiográfico – homogeneizante e fácil –, que padroniza a história de Madre Jacinta, a tônica e o tempero da “Vida” se ressaltam na originalidade de um processo histórico-existencial conflituoso, mas que foi elaborado em vista de algo propositivo e socialmente sustentável, tanto institucionalmente quanto no mais importante: uma vida e um arcabouço conceitual que propõe o amor e a misericórdia como palavras-chave. Isso explica como a perspectiva sãojoanista incide em Madre Jacinta se desdobrando numa mistagogia pela misericórdia.

Referências

AMARAL, A. (Org.). *Madre Jacintha: mística carioca que para viver sua vocação enfrentou familiares, o bispo e a Inquisição*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

BARREIRA, M. M. *Um convite à espiritualidade contemplativa pelo mestre João da Cruz*. São Paulo: Reflexão, 2013.

CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium. In: DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações”. Petrópolis: Vozes, 1966.

DIEGO SÁNCHEZ, M. La herencia patristica de Juan de la Cruz. In: VV.AA. *Experiencia y pensamiento en San Juan de la Cruz*. Madrid: EDE, 1990. p. 83-111.

JUAN DE LA CRUZ, S. *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1982. [Tradução brasileira: *Obras Completas*. Petrópolis: Vozes, 1996.].

RUIZ SALVADOR, F. *Introducción a san Juan de la Cruz: el escritor, los escritos, el sistema*. Madrid: La Editorial Católica, 1968.

VILNET, J. *Bible et mystique chez Saint Jean de la Croix*. Bruges: Desclée de Brouwer & Cie., 1949.

VILLER, M.; CAVALLERA, F.; GUIBERT, J. *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique: Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*. Paris: Beauchesne, 1971.

Recebido: 16/05/2015

Received: 05/16/2015

Aprovado: 27/11/2015

Approved: 11/27/2015